

O QUE PODE UM CORPO LÉSBICO?

What can a lesbian body do?

Clara Biondo de Araújo

Mestre pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3323-0617>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4263600150089181>

“Lésbicas não são mulheres”. É assim que termina a conferência de 1978 de Monique Wittig, chamada “o Pensamento Hétero”, apresentada pela primeira vez em Nova York e publicada em 1980. Escrita originalmente em inglês, conta com uma versão também em francês, língua materna da autora. Na versão brasileira, notei a falta de uma importante nota de rodapé presente na versão francesa. Nesta, após a polêmica frase, podemos ler o seguinte: “E também não são mulheres aquelas que não estão em uma relação de dependência pessoal com um homem” (Wittig, 1980, p. 53).

A ideia de que a figura da lésbica não se configurava como uma mulher sempre me intrigou, e me intriga ainda mais quando Wittig expande o termo para além de uma questão identitária. Recordo-me que existe uma teoria feminista em busca de um sujeito em desfazimento, que crítica o modelo patriarcal e busca outros modos de vida possíveis. Não se entender como mulher é, portanto, recusar o essencialismo binário, isto é, de que existem apenas duas opções possíveis para o corpo se enquadrar: ou ele é feminino, ou ele é masculino. A lésbica, portanto, é uma das fronteiras possíveis de se habitar, já que as fronteiras são múltiplas e se fazem sempre a partir da diferença. Com isso, o corpo passa a ser uma possibilidade em aberto para as experiências e atravessamentos de sexualidade e de gênero.

No entanto, o ensaio de Wittig ficou conhecido por sua denúncia ao que chama de “pensamento hétero”, que hoje é chamado de heteronormatividade, em uma crítica na qual a reprodução da lógica capitalista patriarcal é sustentada por esse pensamento. Por essa questão, podemos retomar o contexto da conferência, situando a lésbica dentro do debate feminista e criticando sua exclusão diante de um modelo específico de mulher –



branco e heterossexual – que não leva em conta outras existências no ato de “ser mulher”. Ao reivindicar um espaço no debate, a autora opta por fazer isso a partir da negação, e o corpo que ali se insere pretende fazer parte bibliografia feminista, que, até o momento, o excluía. Um corpo que não se enquadra nas opressões supostamente biológicas, um corpo que pode ou não ser feminino, um corpo que existe nas margens do binarismo. Um *corpo lésbico*, como o título da obra literária de Monique Wittig de 1973 já indicava.

Mas, nesse momento, paro e me pergunto: pode existir um corpo lésbico? Lésbica não seria apenas uma forma de se referir a mulheres que se relacionam sexo-afetivamente com outras mulheres? A forma de habitar o mundo enquanto dissidência de um sistema binário de sexo e gênero parece desestabilizar as fronteiras do que é esse corpo, e a escrita de Wittig tenta materializar esse processo de vida. A homossexualidade aqui não é apenas a oposição à heterossexualidade, mas uma abertura para que os papéis sexuais e de gênero possam se multiplicar.

Por esse motivo, *O Corpo Lésbico* aparece com o adjetivo lésbico no masculino, marcando um estranhamento do corpo em relação a essa binaridade do gênero e os papéis que são desempenhados socialmente. É um corpo que marca os múltiplos sentidos e ficções do que é ser mulher, assim como das possibilidades de vida. A experiência corporal dissidente é tensionada quando afirma que a lésbica não é uma mulher. Investigando a violência da imposição binária da linguagem, Wittig escreve o livro apenas com pronomes femininos, se dirigindo a uma relação entre lésbicas, mas na qual o corpo não se sustenta apenas como feminino, sendo o feminino o polo oposto do masculino em uma relação de dominação. Situado em um local impossível, esse corpo recusa a visão de um ser humano que precisa ser incluído visualmente no regime binário desde o seu nascimento para existir como tal.

Nesse sentido, um diálogo iniciado tempos depois, por Paul B. Preciado, que dedica seu livro *Manifesto Contrassexual* à Monique Wittig, é importante para compreender esse regime de visualidade da diferença sexual. O autor escreve sobre o conceito de gênero que surge na metade do século passado como uma adequação ao binarismo, quando o sexo de um bebê não é visível no nascimento. Assim, a



indeterminabilidade do sexo seria uma condição impossível à vida humana, falha anatômica corrigida pela medicina e psiquiatria ao instalar o gênero como ferramenta de adequação à diferença sexual binária inscrita no corpo.

Preciado destaca que a teoria feminista é responsável por uma reapropriação crítica do termo “gênero”, analisando a violência e a arbitrariedade do regime binário, e apresentando um questionamento importante em relação a corpos intersexo que sofrem intervenções desde muito cedo na vida, muitos dos quais sem ao menos serem informados quando crescem da transformação a qual foram submetidos. Pergunta o autor: “E se essas meninas intersexo decidirem ser sapatões e dar um uso alternativo de seus órgãos?” (Preciado 2022, 137).

Com isso, é implodido todo esforço médico e parental, que por meio de ferramentas cirúrgicas e sociais procuravam impor a binaridade de gênero a esses corpos. Por meio de um movimento de reapropriação esses corpos fogem da heteronormatividade e da binaridade de gênero sustentada por essa. Assim, no texto de Preciado encontramos uma tradução nova para a frase de Wittig: “Lésbicas não tem vagina”, diz ele, no sentido de que a diferença sexual, baseada na função e adequação dos órgãos sexuais a um uso heterossexual, é implodida e abre caminhos para novos usos e compreensões sobre o que pode ser um corpo, não pautado por esses horizontes (Preciado 2022, 137).

A expansão dos sentidos é necessária para Preciado, que elabora novas traduções possíveis da tradição, retomando a crítica à heteronormatividade na teoria feminista e apresentando outras questões, ligadas aos movimentos trans e intersexo, e que, vale lembrar, dizem respeito a formas dissidentes de existir no mundo. Se hoje a presença de formas de vida que fogem ao regime da diferença sexual se multiplicam, a abertura elaborada por Wittig é apenas uma dentre as várias possibilidades de vida que não pautam a binaridade como única chave de pensamento possível. Como afirma Preciado, o movimento intrsexo, assim como o movimento trans e outros, fazem com que “a transformação radical das atividades sexuais de um corpo implique de algum modo a mutação dos órgãos e a produção de uma nova ordem anatômico-política” (Preciado 2022, 137)



Desse modo, fico me perguntando: Wittig tentava demonstrar essa nova ordem anatômico-política em 1973?

O corpo lésbico que fala e que é falado na escrita de Wittig está em fragmentos e, para materializar esse aspecto, a autora corta com uma barra os pronomes – desde os possessivos até a primeira pessoa do singular. Assim, “meu” e “minha” tornam-se “m/eu” e “m/inha”, e “eu” torna-se “e/u”. Portanto, o eu que fala no texto é um e/u dividido, sempre em relação e se fazendo e desfazendo, questionando a suposta neutralidade da escrita, violenta em relação ao gênero e à maneira de nos referirmos uns aos outros.

De forma não linear a autora desenvolve essas ideias, construindo um livro composto por cantos ou pequenos textos que fazem com que a obra não tenha um gênero fixo, escorregando entre os limites das categorias literárias. Ainda vale ressaltar que esses cantos são interrompidos por páginas nas quais estão dispostas uma série de palavras, todas escritas em maiúsculas e dispostas de modo a ocupar duas páginas inteiras, cortando o texto corrido, que é retomado na página seguinte. Todas as palavras dessa série são relacionadas ao corpo, ao que ele é fisicamente, quais suas partes, ou o que pode ele fazer quando é atravessado por uma violência – a violência da imposição do regime binário, que o corpo atravessa e encontra saídas, mesmo sendo engolido por essa lógica. Se fragmentando, o corpo se faz outros, encontrando novos sentidos e percepções a partir da violência.

Assim, no primeiro texto do livro, podemos ver uma reapropriação das características clássicas do canto com o eu lírico chamando pela amada, e pedindo que ela, a mais bela, se entregue não ao lugar comum do amor, de entrega graciosa ou afeição terna, mas vá em direção à destruição eterna, nomeada como a “geena”. Em uma referência direta ao texto bíblico, a geena seria o vale no qual o lixo era despejado e queimado, ao lado de cadáveres de criminosos que não tinham o direito de ser enterrados. Embora parecido com o inferno, a geena possui algumas diferenças em relação a este, sendo comumente ligado ao lago do fogo do Apocalipse. Também chamado de segunda morte, seria pior do que a (primeira) morte do corpo, um passo além da condenação da



alma, na qual o corpo, já sem vida, merece também uma punição eterna, sendo queimado e devorado por vermes.

Com isso, o atrito insiste nesse local do amor, em um canto amoroso longe da tranquilidade, que envolve os condenados em uma destruição eterna, arrasando com tudo que se conhece. Essa perda de um referencial fixo culmina na ambiguidade da identidade reivindicada no texto, com um corpo que, na impossibilidade da fixidez e na sua fragmentação, se faz muitos outros. Aparece então como ser impensável no regime de pensamento ocidental, um corpo ligado ao espaço que cerca esse texto, a natureza, os animais e os objetos técnicos. Nesse primeiro canto citado resta ao corpo os vermes, na insuportável decomposição e fragmentação do corpo.

Portanto, canta o eu lírico a partir da destruição, da negação do lugar da mulher e de um corpo que se refaz sem as bases ontológicas do que é um corpo. Um corpo lésbico, portanto, que se afirma sobre um ainda sem nome e se refaz a partir da escrita de Monique Wittig. Em pequenos pedaços faz aparecer um corpo sem limites entre o humano e o não humano, o natural e o não natural. Em outro canto do livro a autora apresenta partes de um corpo humano embaralhadas com argila, raízes e árvores:

Seus braços feitos de barro se erguem e se abaixam, e/u vejo na argila deles ultrapassarem os pedúnculos e as cabeças das violetas, o céu é visível através dos buracos que indicam no seu rosto o lugar dos olhos. Os cheiros do mato molhado dos tubérculos rebentados das raízes das cortiças em apodrecimento das folhas em húmus tocam m/eu olfato. Longos arrepios se deslocam rastejando da raiz dos m/eus cabelos até a planta dos m/eus pés. Meus lábios deslizam sobre suas bochechas de argila. Seus dentes cada um deles arredondado e polido como pedregulhos de riacho m/e caem um a um na boca. Você se move por deslizamentos sobre suas nádegas os ossos ílfacos visíveis feitos da madeira do buco ou da árvore de ferro. Você expira uma fumaça acre com gosto de enxofre onde passam luzes ocre. Da sua barriga aberta saem grãos de areia aos milhões. Sua mão cobre a m/inha mão de rastros reluzentes e prateados de uma espécie de baba. (Wittig 2019, 153-56)



Portanto, a abertura da negação do ser mulher, na construção de um corpo lésbico que recusa o binarismo da diferença sexual, também parece reconfigurar a própria relação com a natureza. Se o corpo natural é aquele organizado para a reprodução, a perda de referencial do que é natural na recusa do regime binário apresenta um novo olhar para o mundo na forma de uma sexualidade dissidente. Sendo assim, as possibilidades de acoplamento são múltiplas de um corpo já destruído, e esse canto é apenas um na escrita de Monique Wittig. A geografia que compõe o corpo lésbico se abre para a diferença do olhar, estimulando a imaginação de quem lê.

Acredito então que o corpo lésbico de Wittig aponta caminhos, mas nenhum deles essencialista. Sempre múltiplo e em relação, a identidade é mutante, capaz de transformar-se a partir do outro, e o corpo lésbico aponta para essa capacidade. A escrita de Wittig pede “que você perca a noção da manhã e da noite da estúpida dualidade e tudo aquilo que vêm junto, que você se estenda de tal modo que e/u enfim veja você sobre o maior espaço possível” (Wittig 2019, 161). A figuração do amor lésbico é, então, um corpo monstruoso, pois como diz Preciado: “O corpo só tem sentido como sexuado. Um corpo sem sexo é monstruoso” (Preciado 2022, 132). Assim, um corpo sem a sua função sendo desempenhada claramente dentro do regime heteronormativo é um corpo sem sexo. E não ter sexo é olhar para o próprio corpo com estranheza e pensar: O que pode ser esse corpo?

Corpo-terra, corpo-borboleta, corpo-cachorro, corpo-verme, esses são apenas alguns dos corpos lésbicos, das relações tecidas entre as partes de um corpo quando perdem o referencial. Não retornam ao encontro amoroso, não apaziguam a diferença, mas sustentam a multiplicidade dos encontros e a dor de habitar esse lugar ainda por ser escrito. Como diz Preciado: a nova ordem anatômico-política pede hoje para ser vista, ouvida, sentida em toda a intensidade de um corpo que se recusa em se acomodar no binarismo. O corpo lésbico é um modo de habitar o mundo sem uma natureza ideal e fixa, mas a partir da natureza em movimento, criadora de imagens e corpos (im)possíveis.

Referências Bibliográficas



Wittig, Monique. 2019. *O Corpo Lésbico*. Rio de Janeiro: A bolha.

Wittig, Monique. 2022. “Pensamento Hétero”. In *O pensamento hétero e outros ensaios*. Belo Horizonte: Autêntica.

Wittig, Monique. 1980. “La Pensee Straight”. In *Questions Féministes*, No. 7. 45-53.

Preciado, Paul B. 2022. *Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Rio de Janeiro: Zahar.

